

RETEXTUALIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE EM NOTÍCIAS DE PORTAIS ONLINE*

Maria Lourdilene Vieira Barbosa – UFMA/UFMG
Emanoel Barbosa de Sousa - UFPI

Resumo: Sabemos que o locutor se utiliza de diferentes estratégias referenciais na construção de um texto, e essas estratégias normalmente estão vinculadas ao sentido pretendido pelo locutor com o seu texto. Na notícia, não é diferente, embora seja caracterizada como um gênero discursivo mais próximo da objetividade, sobretudo, por se constituir precipuamente de informações atuais e tidas como de interesse para determinados grupos sociais. Neste trabalho, analisamos notícias de portais online em que se observa o fenômeno da retextualização, entendido aqui como um texto que se constitui a partir de informações de outrem (MARCUSCHI, 2000; DELL'ISOLA, 2007), e analisamos a recategorização dos objetos de discurso (APOTHELÓZ & REICHLER-BEGUÉLIN, 1995; MONDADA & DUBOIS, 2003 [1995]) realizada na construção da notícia, considerando o texto que serviu de base para as informações veiculadas na notícia e a própria notícia. A opção por uma forma textual, na (re)categorização de um objeto de discurso, está vinculada ao sentido pretendido de construção desse objeto de discurso, algo que também é comum em outros textos de outros gêneros, mas, como a notícia se caracteriza pela veiculação de informações, estas são normalmente apresentadas como fatos. Logo, a construção referencial, com a categorização/recategorização dos objetos de discurso, adquire, na notícia, um valor de verdade, ainda que o sentido atribuído a determinado objeto de discurso esteja vinculado a outros textos, por sua vez, pertencentes a outros gêneros textuais, o que, neste caso, isenta o jornalista da responsabilidade de uma valoração axiológica com construção avaliativa de um referente.

Palavras-chave: Retextualização. Referenciação. Recategorização. Notícia online.

1. INTRODUÇÃO

Tida como um dos gêneros jornalísticos mais comuns, a notícia participa da categoria de gêneros que visam informar. Logo, *a priori*, costuma ser definida como um gênero de cunho essencialmente informativo, diferente de outros gêneros jornalísticos, como o editorial, por exemplo, que defende explicitamente um ponto de vista por meio de argumentos.

A notícia normalmente informa algo aparentemente novo, mas essa informação tem por base informações veiculadas em outros textos, normalmente representativos de outros gêneros. Nestes, mesmo que as informações figurem como novas, parecem não ser recepcionadas como quando divulgadas na notícia, algo que corroboraria a existência e o funcionamento social do próprio gênero notícia.

Soma-se a isso o tratamento dado à informação nas notícias, que circulam na sociedade com um valor de verdade. As informações são apresentadas como fatos sociais; e a audiência recebe e trata como fatos sociais as informações veiculadas nas notícias. Desta forma, a construção referencial, com a categorização/recategorização dos objetos de discurso, também adquire um valor de verdade, já que a referenciação é construída tendo em vista o sentido de todo o texto.

Sendo assim, em se tratando de uma notícia retextualizada, em que o sentido do objeto de discurso esteja vinculado a outros textos ou mesmo a depoimentos de outras pessoas, na articulação de seu texto, o jornalista é isento da responsabilidade de uma valoração axiológica com construção avaliativa de um referente. Neste trabalho, analisamos notícias de portais online em que se observam o processo de retextualização, investigando a construção referencial, sobretudo, a recategorização dos objetos de discurso.

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online – junho/2013 – <http://evidosol.textolivre.org>

2. REFERENCIAÇÃO OU CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

A noção de referência, conforme é entendida hoje, passou por várias concepções, tanto no âmbito da linguística, como da filosofia da linguagem, de bases lógicas (Cf. CARDOSO, 2003). Dessa forma, os estudos que se preocupam em saber como a língua refere o mundo, além de numerosos, são posicionados a partir de concepções diferenciadas.

Frege (1978), em seu *Sobre o Sentido e a Referência*, concebe o termo *igualdade* como equivalente ao de *identidade*, o que significa uma relação biunívoca entre objetos ou entre nomes ou sinais de objetos. Essa ideia considera que nomes ou sinais mantêm relação na medida em que referem um mesmo objeto mundano, ou seja, na medida em que designam uma mesma referência².

Sobre o que se entende por referência, de Frege (1978) aos dias atuais, há um espaço enorme ocupado por muitos estudos que poderiam ser dispostos num *continuum* acerca do entendimento desta questão³. De um lado, teríamos uma concepção de base formal e lógica que dá à língua o papel de nomear entidades do mundo, discretizadas *a priori* a atividade discursiva. De outro, a concepção de que as entidades são construídas durante a produção discursiva em satisfação de um propósito comunicativo estabelecido para a produção de um sentido particular. De um lado a referência é tida como *representação*: uma palavra (um signo) representa uma entidade do mundo de forma fixa e imutável. De outro a referência é tida como *processo*: ao longo da produção discursiva as entidades são construídas (e reconstruídas) de forma instável, porém ancoradas em práticas sociocognitivas; neste, a representação acontece de forma instável.

É em função do entendimento de que a referência é construída ao longo da produção discursiva que autores como Mondada & Dubois (2003 [1995]), Koch (2006) e Koch & Elias (2007) postulam que o uso do termo referenciação, ao invés de referência, é mais adequado para a designação do processo. Como Marcuschi (2000) destaca: “deve ficar claro (...) que não uso a noção de referência e sim de **referenciação** precisamente pelo fato de admitir que a atividade referencial não é pura e simplesmente o ato de designar linguisticamente objetos do mundo” (p. 5).

Mondada & Dubois (2005), ao tratarem da instabilidade constitutiva dos discursos, tratam da noção de *objeto de discurso*. Nessa perspectiva teórica, os referentes são tratados como objetos de discurso porque não correspondem diretamente a objetos do mundo real e são construídos na instância de discurso, tendo em vista os diferentes contextos, por sua vez, específicos e particulares. Logo, as palavras não constituem etiquetas que nomeiam os objetos ou a realidade mundana.

Considerando que o sentido textual é construído no curso da atividade discursiva, o significado das palavras se tornam plásticos, maleáveis, e se adequam às diferentes situações de fala e/ou escrita. Sobre o que se entendeu desde cedo sobre a recategorização lexical dos objetos de discurso na cadeia textual, Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995) definem o processo basicamente como a reapresentação lexical dos objetos de discurso ao longo da cadeia textual.

Os teóricos defendem que é preciso entender o léxico de uma língua “menos como um dado restritor, cujo emprego está sujeito apenas ao princípio de adequação referencial, do que como um conjunto de dispositivos extremamente maleáveis, continuamente trabalhados

² Frege utiliza a denominação referência no sentido comumente vinculado a referente (no caso de Frege, mundano).

³ Cardoso (2003), em *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão dos discursos*, recupera todo o percurso da literatura, no âmbito da linguística e da filosofia da linguagem, no entendimento da noção de referência.

dentro e pelo discurso” (p. 241). Deste modo, o léxico é visto tanto como um conjunto de palavras de uma língua para os diferentes fins comunicativos dos sujeitos, como (e, principalmente) um conjunto de palavras cuja significação é maleável ao ponto de ser trabalhada dentro do discurso e pelo discurso, adaptando-se ao sentido construído em atividades particulares e concretas de comunicação.

Assim há o uso de diferentes estratégias de referenciação, como a utilização de grupos nominais para a organização do discurso, conhecida na literatura como “rotulação” (Cf. Francis, 2003), em que uma expressão lexical rotula uma informação ou um bloco de informações que aparecem no texto, dando a essas informações uma identidade referencial, um rótulo. Segundo Francis, “a principal característica do que é chamado de rótulo é que ele exige realização lexical, ou lexicalização” (p. 192).

Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995) defendem que o uso de determinadas categorias mantém relação com o contexto da situação e, em vista disso, torna-se adequado e produz sentido. Até mesmo em discursos com objetivos científicos as designações não são adquiridas ou determinadas de uma vez por todas, já que, constantemente, são submetidas à discussão e à revisão. Portanto, em contextos científicos, “cada mudança de perspectiva sobre os objetos acarreta uma reformulação das classificações, portanto, das etiquetagens lexicais” (p. 241).

Os autores afirmam que no âmbito dos discursos de caráter argumentativo, há uma instabilidade mais aberta, no sentido de que as designações serão usadas prioritariamente em função da construção de um ponto de vista. Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995) afirmam que, neste sentido, “se experimenta, em larga medida, o livre arbítrio e as estratégias persuasivas dos sujeitos falantes” (p. 241). Isso ocorre porque o texto é construído em função de um sentido que adquire forma ao longo do texto, algo que, segundo os autores, pode ser facilmente visualizado em casos de anáforas lexicais, “domínio onde a liberdade de escolha nos meios linguísticos utilizados é maior *pelo fato mesmo* de o objeto designado já ser identificado, e em geral denominado, no modelo de mundo construído pelo discurso” (pp. 241 e 242, grifos dos autores).

3. A RETEXTUALIZAÇÃO ENTRE GÊNEROS DISCURSIVOS

Marcuschi (2000), em *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*, trabalha com o processo de retextualização, preocupando-se em tratar mais especificamente das relações e diferenças entre as modalidades falada e escrita da língua. Como Marcuschi, Dell’Isola (2007), tratando mais especificamente da retextualização entre gêneros escritos, defende que a retextualização não deve ser entendida como “tarefa artificial”, pois ela acontece cotidianamente, é um fato comum da vida prática, podendo ocorrer de maneira bastante diversificada, em situações rotineiras.

Dell’Isola considera que, cada vez que o conteúdo de um texto é retextualizado na constituição de um novo texto, temos a ‘mesma coisa’ dita de uma forma diferente, na qual estabelecemos uma nova situação comunicativa e cumprimos diferentes propósitos comunicativos. Para a autora, o mesmo conteúdo está sendo (re)textualizado de maneira diferente, onde temos dois gêneros que se distinguem por possuírem características distintas e também por realizarem diferentes ações sociais.

Neste sentido, retextualizar consiste, sobretudo, em textualizar novamente num outro texto as informações de um primeiro. Temos aí, no plano textual, um processo que rearticula linguisticamente informações já veiculadas. Porém, se atentarmos para o funcionamento sócio-histórico dos gêneros, a “mesma” informação, sendo veiculada por gêneros diferentes, é tratada de forma particular, que é própria do gênero.

Em nosso trabalho, adotamos a noção de gêneros na perspectiva teórica que os entende a partir da ação retórica que estes realizam no meio social e que vem sendo denominada de *Nova Retórica*. Miller (1984 [2009]), em seu *Gênero como ação social*, apresenta uma definição importante para os estudos de gêneros, entendendo-os como “ações retóricas tipificadas fundadas em situações recorrentes” (p. 34). É claro, em Miller, que a noção de ação está intrinsecamente relacionada ao sujeito social, já que é este que age numa determinada situação retórica, que lhe aparece como recorrente.

A recorrência, nesse caso, conforme nos assegura Miller, não pode ser entendida como material, mas “situações, como sendo, de alguma forma, ‘comparáveis’, ‘similares’, ou ‘análogas’ a outras situações” (p. 30), que embora análogas, são únicas, porque cada situação é única. Desta forma, a recorrência pode ser entendida como um fenômeno intersubjetivo e jamais ser confundida em termos materialistas.

Considerando que os gêneros realizam ações retóricas típicas em situações retóricas recorrentes, nosso trabalho analisa a recategorização no gênero notícia, de modo que os textos de notícias serão analisados comparativamente a outros, pertencentes, por sua vez, a outros gêneros, em casos que caracterizam o processo de retextualização. Assim, consideramos as características preponderantes dos gêneros, entendendo o funcionamento social do gênero notícia e relacionando-as aos textos que também fazem parte do nosso corpus de análise (pertencentes a outros gêneros), que certamente apresentarão características que os determinam enquanto classes históricas de textos diferentes.

4. A RECATEGORIZAÇÃO EM TEXTOS RETEXTUALIZADOS: UMA ANÁLISE EM NOTÍCIAS DE PORTAIS ONLINE

4.1. Aspectos Metodológicos

Em um único texto, é possível encontrarmos diferentes estratégias utilizadas para a construção dos referentes, de modo que essas estratégias normalmente estão vinculadas ao sentido pretendido pelo locutor com o seu texto. Sabemos que a notícia é caracterizada como um gênero textual mais próximo da objetividade, sobretudo, por se constituir precipuamente de informações caracterizadas como atuais e de interesse para determinado(s) grupo(s) social(is).

Neste artigo, analisamos qualitativamente notícias oriundas de portais online. Temos em vista apenas textos em que se observa o fenômeno da retextualização, entendido aqui, conforme já dissemos, no item 3 deste trabalho, como um texto que se constitui tendo em vista informações de outrem. Logo, a análise considera tanto a notícia como o texto que serviu de base para a constituição da notícia.

Nosso objetivo principal é analisar a recategorização dos objetos de discurso realizada na construção da notícia, considerando, para isso, a construção dos objetos de discurso no texto que serviu de base para as informações veiculadas na notícia e a construção dos objetos de discurso na notícia. Assim, analisamos textos divulgados em Portais de notícias online do estado do Piauí – cidadeverde.com; portaldaclube.com; portalodia.com – em outubro de 2012.

Pelos portais de notícia online também foi possível o acesso aos textos que serviram de fonte para as notícias analisadas. Para nossas considerações neste artigo, tratamos de notícias em torno de duas situações de 2012: o desligamento do fornecimento de energia por algumas horas em vários estados do norte-nordeste e a interceptação de uma carta por agentes penitenciários na Penitenciária Regional “Irmão Guido”, localizada na cidade de Teresina.

4.2. Retextualização e recategorização em notícias de portais online: análise dos dados

A opção por uma forma textual, na (re)categorização de um objeto de discurso, está vinculada ao sentido pretendido de construção desse objeto de discurso, algo que é comum em textos que participam de diferentes gêneros. A notícia, por sua vez, é um gênero caracterizado pela veiculação de informações tidas como recentes e de interesse de um ou alguns grupos sociais; na notícia, essas informações são normalmente apresentadas como fatos.

Dessa forma, a construção referencial, com a categorização/recategorização dos objetos de discurso, também adquire valor de verdade, já que o sentido atribuído a determinado objeto de discurso é parte do todo textual. Abaixo, na figura 1, vemos o título (manchete) e subtítulo de uma notícia que informa sobre notas da Chesf e do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) esclarecendo as causas do desligamento de energia ocorrido repentinamente em vários estados das regiões norte e nordeste em outubro de 2012:

Postado em 26/10/2012 | 12:14 A- A+

**Chesf e ONS divulgam notas sobre
apagão que afetou PI e mais 11
estados**

De acordo com a ONS, o apagão foi provocado por um curto-circuito na subestação Colinas-Imperatriz.

Figura 1: Manchete de notícia de Portal de notícias online sobre 'apagão' ocorrido em outubro de 2012. Disp. em: <http://portaldaclube.com/chesf-e-ons-divulgam-notas-sobre-apagao-qu...> (Acesso: outubro de 2012)

Na manchete (título) “Chesf e ONS divulgam notas sobre apagão que afetou PI e mais 11 estados” e subtítulo “De acordo com a ONS, o apagão foi provocado por um curto-circuito na subestação Colinas-Imperatriz” é colocado em evidência um objeto de discurso principal, sobre o qual a notícia se constitui principalmente: “o apagão”. Essa notícia constitui uma retextualização de duas notas divulgadas pelos órgãos diretamente responsabilizados pelo ocorrido. Dessa forma, a nota da Chesf, abaixo (Figura 2), trata do mesmo evento apontado na notícia:

Nota Chesf

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf informa que o desligamento ocorrido às 00:14 Hs de hoje (horário de Brasília), dia 26/10/2012, não teve origem nas instalações ou equipamentos desta Empresa. O problema foi identificado, preliminarmente, na Subestação Colinas, localizada no Estado de Tocantins.

No momento da ocorrência, a Região Nordeste estava importando cerca de 2.500 megawatts de energia. A interrupção brusca provocou instabilidade, acionando automaticamente o Sistema de Proteção da Chesf, que operou corretamente, desligando os demais equipamentos associados. As cargas começaram a ser restabelecidas a partir de 02:29 Hs de hoje, (horário de Brasília), dia 26/10/2012.

Ademais, o Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS é o órgão responsável pela coordenação e controle da operação das instalações de geração e transmissão de energia elétrica no Sistema Interligado Nacional – SIN, sob a fiscalização e regulação da Agência Nacional de Energia Elétrica – Aneel, e repassará oportunamente as informações sobre origem do desligamento em comento.

Portanto, todo o Sistema Elétrico Brasileiro está, no momento, reunido no esforço de compreender as causas deste evento. Estima-se para ainda hoje a divulgação oficial que deverá ser feita pelo ONS.

Cordiais saudações,

Figura 2: Nota da Chesf esclarecendo as razões do desligamento de energia em outubro de 2012. Disp. em: <http://portaldaclube.com/chesf-e-ons-divulgam-notas-sobre-apagao-qu...> (Acesso em: outubro de 2012)

Do ponto de vista referencial, embora trate da mesma ocorrência, o texto acima apresenta o objeto de discurso a partir de uma forma lexical diferente daquela encontrada no título e no subtítulo da notícia. Na nota, o objeto de discurso recebe diferentes categorizações lexicais, como “o desligamento”, “O problema”, “a ocorrência”, “A interrupção brusca”, “o desligamento em comento”, “este evento”, que corroboram a construção do sentido do todo textual: a nota visa esclarecer o ocorrido do ponto de vista técnico.

No título e no subtítulo da notícia (Figura 1), a ocorrência ou o desligamento do qual trata a nota (Figura 2) é categorizada como “o apagão”, numa recategorização lexical explícita do objeto de discurso em foco. No entanto, sabemos ainda que a notícia, embora seja um gênero tido como objetivo, é voltada para um público normalmente pré-definido, o que faz com que a informação seja apresentada considerando essa audiência. Se o desligamento brusco e repentino do fornecimento de energia é comumente e informalmente categorizado como “apagão”, a notícia faz uso desse conhecimento partilhado com seus leitores e rotula de “apagão” o que na nota é inicialmente categorizado como “desligamento”. Essa estratégia faz com que a manchete da notícia adquira mais visibilidade e, conseqüentemente, maior aceitação pública.

Na figura 3, abaixo, temos o corpo da notícia, neste, o rótulo “apagão” não mais aparece, e são utilizadas expressões referenciais mais semelhantes àquelas encontradas na nota da Chesf (Figura 2):

A Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), responsável pela produção de energia elétrica no Piauí, divulgou nota nesta sexta-feira (26), esclarecendo que o desligamento de energia ocorrido no final da noite dessa quinta-feira (25) e início da madrugada de hoje não teve origem nas instalações ou equipamentos da empresa.

Conforme informou em nota, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), houve um curto-circuito no segundo circuito da linha de transmissão em 500 kV Colinas-Imperatriz, que faz parte da interligação entre os sistemas Sul/Sudeste/Centro-Oeste e Norte/Nordeste.

Ainda segundo a ONS, o defeito foi eliminado pela atuação das proteções de retaguarda da subestação Colinas, que resultou no desligamento de oito circuitos de 500 kV a ela conectados.

De acordo com a Chesf, no momento da ocorrência a região Nordeste estava importando cerca de 2.500 megawatts de energia. Com a instabilidade provocada pelo defeito o Sistema de Proteção da Chesf foi automaticamente acionado, desligando os demais equipamentos associados. Por volta das 2h29 de hoje, (horário de Brasília), as cargas começaram a ser restabelecidas.

Devido ao curto-circuito o fornecimento de energia afetou os nove estados do Nordeste, além de parte do Pará, Tocantins e Distrito Federal.

A ONS informou ainda que haverá, às 11 horas de hoje, em Brasília, uma reunião do Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico para avaliação do evento e suas consequências. No Rio de Janeiro, às 14 horas, será realizada uma reunião entre o ONS e os agentes envolvidos para a análise técnica da ocorrência.

Figura 3: Notícia de Portal de notícia online sobre o desligamento de energia ocorrido em outubro de 2012. Disp. em: <http://portaldaclube.com/chesf-e-ons-divulgam-notas-sobre-apagao-qu...> (Acesso em: outubro de 2012)

Como o objeto mundano construído referencialmente no texto não diz respeito a um objeto ou a um ser material, mas a um processo, é possível identificarmos na cadeia textual expressões lexicais que categorizam o objeto de discurso a partir de diferentes fases do processo. Em tese, houve um problema num dos sistemas geradores de energia, causando um curto-circuito, o que acionou automaticamente o sistema de proteção, que desligou repentinamente o fornecimento, ocorrendo a falta de energia. Esse processo inteiro é categorizado por diferentes expressões referenciais, tanto na nota da Chesf e na nota do ONS, como na notícia. No entanto, na notícia, o rótulo “apagão”, sintetiza ou rotula o evento, de modo que o sentido desse rótulo está diretamente relacionado ao conhecimento compartilhado de eventos dessa natureza.

Abaixo, na Figura 4, temos o conteúdo de uma carta encontrada em um presídio, com algumas explicações em parênteses feitas pelo Portal de notícias online que deu acesso à mesma:

O Cidadeverde.com teve acesso a uma cópia da carta, reproduzida abaixo. As observações em parênteses são da redação do portal, para melhor compreensão do leitor.

"Salve rapaziada do anex 2 (anexo 2 - triagem). Aqui e a rapazeada PVC (pavilhão C) e o seguinte nós já conversamos com a rapaziada do B e do PVD (Pavilhão D). Pois a rapaziada apoiou a gente vai começar aqui no PV.C então nos vamos quebrar o PVB (pavilhão B). E o nosso objetivo e pedir nossa regalia que nos tem direito e modar a direção do sistema pois a rapaziada lá da custodia entrou em contato com nos e disse que eles conseguiram tirar o Wilsin (vice-diretor da Casa de Custódia e chefe do grupo de vistoria) e assim so nos se unir que nos vamos conseguir nosso objetivo e só nossa melhoria pois a maioria dos irmão aqui centenciados porque so nos não tem direito pois em Parnaíba os caras tem direito a TV e ventiladores e som pois nos so vamos conseguir se nos quebrar esta porra não e para gerrar morte mas para nossa segurança nós vamos quebrar o PV.A (pavilhão A). E o especial é aí vocês sabe que aí no anex 1 (triagem) também tem us caras que não serve que trabalham para a polícia agora vocês ficam na ativa nos só vamos esperar resposta do SP (seria uma resposta de São Paulo). Dependendo do que os irmão decidirem, nós começamos o bagulho e vamos sustenta para chamar a atenção da empresa e das autoridades nós vamos mandar as respostas para vocês e depois da visita tem tudo para dar certo. Virmeza ladrões. Fiquem na paz de um alo no Júnior e no resto da rapaziada. Ass: A rapaziada do PV.C"

Figura 4: Transcrição de carta encontrada em presídio de Teresina. Disp. em: <http://www.cidadeverde.com/printpage.php?id=116092> (Acesso em outubro de 2012)

No texto, há uma conclamação da população presidiária para uma revolta de objetivos claros: “pedir a nossa regalia que nos tem direito [‘TV e ventiladores e som’] e mudar a direção do sistema”. O locutor é a “rapaziada do PVC” se dirigindo ao interlocutor, a “rapaziada do anex 2”. A “rebelião” recategorizada na manchete da notícia da Figura 5 é construída referencialmente na carta, supostamente escrita por presidiários, a partir diferentes ações concomitantes: “quebrar o PVB”, “pedir nossa regalia que nos tem direito e mudar a direção do sistema”, “quebrar esta porra”, “quebrar o PV. A”.

Não há, na carta, uma rotulação única para a ação dos detentos. Essa rotulação acontece posteriormente na manchete da notícia, que tem em vista a expressão nominal mais comumente utilizada para classificar eventos desta natureza, uma rebelião. Tal nomenclatura reflete, portanto, o conhecimento social de que as revoltas que acontecem em presídios ou casas de detenção são denominadas de rebelião. A forma lexical *per si* já carrega uma carga ideológica e cultural que normalmente amedronta a população, logo, aparecendo na manchete de uma notícia, certamente despertará a atenção do público leitor.

Abaixo temos uma notícia na íntegra que trata do evento que ora tratamos:

Postado em 22/10/2012 | 21:29 A- A+

Portal da Clube tem acesso à carta encontrada na Irmão Guido; Confira!

Para justificar a ação a "rapaziada do PV. C" cita a Penitenciária Fontes Ibiapina, em Parnaíba, como "modelo" de unidade prisional do ponto de vista dos presidiários

O Portal da Clube teve acesso à carta interceptada durante vistoria de rotina na Penitenciária Regional Irmão Guido, na zona rural de Teresina. Na carta assinada pela "Rapaziada do PV. C" — uma provável referência a Pavilhão C -, o remetente fala em "quebrar o Pavilhão B" para conseguir regalias como televisão, som e ventilador.

Para justificar a ação, a "rapaziada do PV. C" cita a Penitenciária Mista Juiz Fontes Ibiapina, localizada em Parnaíba, como "modelo" de unidade prisional do ponto de vista dos presidiários.

Ao contrário do divulgado mais cedo, a carta interceptada na Irmão Guido não determina o assassinato de agentes penitenciários. Em um determinado momento, o remetente diz que o objetivo não é matar, mas se proteger.

No fim da carta, o remetente faz a sua única referência a um preso específico. Trata-se de Júnior, mas a carta não permite identificar com certeza quem ele é.

Figura 5: Notícia de Portal de notícias online sobre carta encontrada em presídio de Teresina. Disp. em: <http://portaldaclube.com/portal-da-clube-tem-acesso-a-carta-encontrad...> (Acesso em: outubro de 2012)

A expressão referencial lexical “rebelião” fica apenas subentendida, tendo em vista que “a carta” já é apresentada ao interlocutor como um objeto de discurso conhecido, como informação dada. Neste sentido, há a utilização da expressão referencial “a ação” na referência à situação tratada na carta. No subtítulo e corpo da notícia, há o cuidado de deixar claro que as informações apresentadas são oriundas da carta, ainda que o locutor se utilize de recategorizações lexicais nas informações que destaca.

Quanto a isso, temos no subtítulo e corpo da notícia a expressão referencial “‘modelo’ de unidade prisional”, imediatamente seguida da informação “do ponto de vista dos presidiários”, rotulando a informação encontrada na carta que “em Parnaíba os caras tem direito a TV e ventiladores e som”. A informação trazida pela notícia na expressão referencial “‘modelo’ de unidade prisional” não significa exatamente o ponto de vista dos presidiários,

mas a interpretação que o jornalista faz da informação da carta, que cita o presídio de Parnaíba como justificativa para o argumento de que presidiários têm direito a “regalias” como TV, ventilador e som.

Por duas vezes a notícia faz referência ao locutor da carta, utilizando a expressão referencial que o locutor se denomina em seu texto: “a rapaziada do PV. C”, no entanto a opção pela expressão referencial utilizada pelos próprios detentos é destacada por aspas, numa citação por meio do discurso indireto livre. Na referência ao locutor da carta, sem a utilização das aspas que destacam a expressão referencial utilizada pelos presidiários, a expressão referencial utilizada é “o remetente”, que recategoriza lexicalmente a expressão referencial utilizada anteriormente “a rapaziada do PV. C”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A notícia opta por usos mais próximos do que entendemos por formalidade na linguagem. Isso pode explicar a escolha de uso de uma expressão referencial em detrimento de outra utilizada textualmente na própria fonte da notícia. Comparando os dois textos, no qual o segundo retextualiza informações contidas no primeiro, é claro a mudança de construção e, mesmo de escolhas lexicais na construção dos objetos de discurso que fazem parte do ‘mundo’ construído discursivamente em ambos os textos.

É possível afirmar que a opção do jornalista em separar sua voz da voz dos sujeitos envolvidos na notícia, destacando a informação oriunda de outros textos que lhe servem como fontes, tanto pode funcionar como uma estratégia de isenção da responsabilidade de uma valoração axiológica com construção avaliativa de um referente como pode dar respaldo à notícia, dada à repercussão que um texto-fonte possa ter para um grupo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construcion de la référence et stratégies de designation. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BÉGUELIN, M.J. (Orgs.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphors*. Institute de Linguistique / Université de Neuchâtel: Suisse. (TRANEL), n°23, 1995, pp. 227-271.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 261-306.

CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

DELL’ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. V. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____ & ELIAS, V. M. Referenciação e progressão referencial. In: _____ *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 123-135.

MARCURSCHI, L. A. Referenciação e Progressão Tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Revista do GELNE*, vol. 2, n° 2, 2000, pp. 1-11. Disponível em: www.gelne.ufc.br/revista_ano2_n2_12 (Acesso em 02/04/09).

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*: São Paulo: Cortez, 2001.

MILLER, C. R. Gênero como ação social In: _____ *Gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____ & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1995].